

29 NOV 1993

REAÇÃO

Com. Brasil

MAIS CRÍTICAS QUE ELOGIOS

JORNAL DA TARDE

Maioria não acredita no sucesso das novas medidas econômicas

Discordâncias, apoio e polêmica estão sendo geradas em torno do Plano FHC2, que tem por objetivo estabilizar a economia e será anunciado esta semana. O deputado e economista Delfim Netto (PPR-SP) dá a entender que o Plano é somente para fechar um buraco no orçamento da Previdência, que vai ganhar US\$ 1 bilhão com o aumento de impostos. Segundo ele, o governo poderia ter cortado no Orçamento de 1993 e não o fez.

“Não acredito que o plano dará certo, pois provocará um aumento geral de preços no mercado”, afirmou. “Os empresários não vão querer ter prejuízos”. Ele

estima que o aumento de 5% nos impostos aumentará a arrecadação dos atuais 14,5% do PIB (estimado em US\$ 470 bilhões) para 15,2%. O deputado entende que há uma torcida para que as coisas dêem certo, mas ele não crê que o Plano FHC2 passe no Congresso. “Voltamos a velha teoria de que tudo que se busca, na verdade, é o aumento de impostos. E tudo vai acabar em pizza”.

Já o empresário José Mindlin, do Conselho de Administração da Metal Leve, acha que é melhor esperar um pouco antes de se ter uma conclusão sobre o novo plano. “No meu entender, não há muita alternativa diferente hoje e

não dá para esperar mais”, afirmou. O diretor superintendente do Grupo Votorantim, Antonio Ermírio de Moraes, no entanto, considera “lamentável” o Plano FHC2, pois repete o que denominou de “velho esquema de aumento de impostos”.

Para Antonio Ermírio, estava na hora de se buscar os sonegadores. O aumento de impostos, no seu entender, só serve para reduzir a competitividade do produto nacional no mercado internacional. Para Ermírio, a UC, a Unidade de Conta, deveria ser chamada de “Unidade de Choque”, pois é isso que representa para a economia.

Milton F. da Rocha Filho